

EXEGESE BÍBLICA – SUA IMPORTÂNCIA E PRÁTICA¹

Primeira parte – considerações teóricas

A importância da exegese bíblica, para não dizer sua necessidade, reside no fato de que ela possibilita uma compreensão mais exata do sentido de um texto bíblico, e, por conseguinte, fornece bases para uma construção teológica mais bem fundamentada.

Antes de mais nada, é preciso saber: o que exegese é e o que não é?

Exegese não é tradução – Judeus e gregos também precisam fazer exegese, embora não precisem de tradução. Tradução é necessária, como passo prévio à exegese, para não-falantes da língua-fonte e/ou para a comunicação do exegeta com não-falantes dessa língua.

Exegese é diferente de hermenêutica – Esta trata dos princípios da interpretação, aquela da prática da interpretação, dos passos concretos dados no trabalho interpretativo.

Exegese se distingue de teologia – Esta se faz a partir de conceitos, não necessariamente a partir da análise de textos, embora o devesse fazer. E aqui é bom dizer que exegese não se dissocia de teologia; pois exegese é necessária, mas não suficiente. O exegeta deve ser também teólogo.

Entendemos exegese como ciência, que tem objeto e método próprios. Seu objeto são os textos, em nosso caso, os textos bíblicos. Seu método por excelência é o histórico-crítico, do qual falaremos adiante.

Exegese é análise detalhada de um texto sob vários ângulos (o textual, o literário, o dos motivos/temas, o do processo de composição), a fim de extrair dele sua mensagem. Importante é a distinção entre exegese (condução para fora) e eisegese (condução para dentro). Exegese é aquilo que, como teólogos e pregadores sérios, devemos praticar, respeitando o texto, seu autor e sua intenção.

Obs. 1: Cada texto bíblico tem uma mensagem única. (Assim também ensina a *Confissão de Fé de Westminster*, cap. I, IX: o sentido de qualquer texto da Escritura não é múltiplo, mas único.) Seu sentido é aquele intencionado pelo autor, ao qual todos devem procurar chegar.

Exegese demanda a utilização de método científico, além de precisar contar com o auxílio de várias ciências humanas (história, geografia, arqueologia, paleografia, história das religiões comparadas, entre outras), visto que há uma enorme distância temporal (em alguns casos, também espacial) e sobretudo cultural entre os textos bíblicos e nós, pessoas de outra época e cultura.

Exegese busca interpretação objetiva dos textos, a mais objetiva possível. O exegeta sabe que a objetividade absoluta é impossível, constituindo-se uma ilusão. Há condicionamentos que limitam a prática exegetica, como de resto qualquer outra tarefa investigativa humana. Há pré-compreensões que inevitavelmente são trazidas para a atividade de interpretação. Mas isso não significa que a objetividade não possa ou não deva ser buscada. Ela permanece como ideal a guiar o trabalho do exegeta, que deve realizar seu mister com plena consciência de seus condicionamentos e de suas pré-compreensões, para que eles o influenciem o mínimo possível.

¹ Palestra ministrada pelo Rev. Paulo Severino da Silva Filho, nos dias 2 e 3 de outubro de 2007, na Semana Teológica do Seminário Simonton.

Exegese é prática milenar, possuindo uma longa e complexa história, que começa já no próprio AT. Exemplos: A Obra Cronista de História é uma releitura da Obra Deuteronomista de História; Daniel reinterpreta os setenta anos de cativeiro do anúncio de Jeremias, transformando-os em setenta semanas de anos (cp. Jr 25.11s; 29.10 a Dn 9.2 e 24). Ela é vista também no NT, em Paulo, por exemplo, que, usando princípios da exegese rabínica do séc. I EC, constrói diversas tipologias e alegorias (cf. 1 Co 10.1-4; Gl 4.21-31), além de ser também observada no conjunto dos autores do NT, que, *grosso modo*, relêem o todo do AT à luz do evento-Cristo.

Exegese não é o único nível de leitura admissível de um texto. Há outras leituras, cada uma delas com seu valor: por exemplo, a devocional e as tradicionais. Longe de nós desprezar as leituras dos crentes, alimento indispensável para a fé e a comunhão com Deus, ou as dos pais e dos reformadores, plenas de intuições espirituais profundas, embora seus métodos não sejam os mesmos que os nossos, e, alguns casos, nem aceitáveis nos tempos atuais.

Exegese é exercício praticado no nível acadêmico, com seus vários graus de exigência (monografias, dissertações, teses); mas também o deve ser no dia-a-dia, para o preparo de sermões e aulas, a despeito da falta de tempo generalizada e das inúmeras demandas do pregador e do professor. (Veremos na segunda parte como praticá-la.)

Com que meios se faz exegese científica? Primordialmente, com uso do método histórico-crítico. Por quê? O MHC apresenta diversas vantagens, a despeito de seus limites e riscos, como o academicismo, a arrogância diante de outras leituras, o reducionismo historicista, a despreocupação para com a aplicabilidade prática das pesquisas, a ilusão de que tudo seja racional ou racionalizável.

Não obstante todos esses limites e riscos, o MHC ainda vale a pena. Ele permanece sendo um referencial metodológico útil e mesmo indispensável, ao qual muito se deve na história da exegese e do qual ainda muito se pode receber.

Graças a ele, sabemos hoje o valor da identificação dos gêneros literários dos textos bíblicos, de suas fontes, das tradições que a eles subjazem, do longo e complexo processo de formação e composição das unidades textuais, dos livros, dos *corpora* literários e da Bíblia como um todo.

Ele nos ajuda a colocar em perspectiva as interpretações, nossas e de outros.

Ele não nos permite instrumentalizar o texto a nosso bel-prazer, lendo-o de maneira seletiva e arbitrária, sem consideração para com seu contexto e propósito originais.

Ele permite ver melhor a diversidade de teologias que há na Bíblia, sem que isso necessariamente implique prejuízo para sua unidade. No entanto, ele nos alerta para o fato de que não se deve buscar uma harmonização a qualquer custo dessas diferenças pela eliminação de toda tensão e conflito entre as variadas perspectivas teológicas recolhidas nas Escrituras Sagradas.

Ele leva a sério a humanidade dos autores bíblicos em sua condição de testemunhas da revelação divina, e o fato de que essa revelação foi percebida e refletida dentro de situações históricas bem concretas e definidas.

Afinal, o texto bíblico é Palavra de Deus em palavra humana, escrito e reescrito em meio às vicissitudes da história. A Bíblia é mais que um mero documento histórico, mas é *também* um documento histórico. O texto não caiu do céu. Não nasceu pronto. O texto tem sua história de formação e composição, é fruto de longo e complexo processo. Portanto, a análise diacrônica feita pelo MHC é importante e necessária, sem que isso

implique qualquer desprezo pela análise sincrônica, que considera o texto em sua forma final, canônica, autoritativa.

De mais a mais, o texto tem também longa e complexa história de transmissão: cópias, versões, citações, edições, que envolvem inúmeros problemas (mudanças intencionais e não-intencionais, adaptações culturais e releituras, imprecisões, decisões editoriais). Daí também a importância e a necessidade da atitude crítica diante do texto.

O método é histórico (e deve sê-lo) porque lida com documentos históricos milenares; porque reconhece que esses documentos se formaram ao longo de séculos, conhecendo diversos estágios em seu processo composicional até chegar ao estado em que hoje os encontramos; e porque se interessa pelas condições históricas que geraram esses textos.

O método é crítico (e deve sê-lo) no sentido de que reconhece a necessidade de se fazer juízos sobre o material estudado, sobre suas interpretações ao longo da história, e sobre suas próprias conclusões, sempre provisórias e relativas, ainda que com graus de probabilidade distintos, possibilitando maior ou menor certeza com relação ao sentido dos textos analisados.

A exegese histórico-crítica, em uma palavra, respeita o texto e seu autor, entendendo que o sentido original e literal é o sentido do texto, e busca descobri-lo com o melhor instrumental científico disponível. O MHC não é o único método que há, mas é, no mínimo, um ponto de partida e uma base que não devem ser rejeitados *a priori*, e, no máximo, o melhor método científico que já foi criado para a interpretação de textos.

Obs. 2: Ciência se faz com hipóteses e argumentos, não com apelo a instâncias de autoridade, quaisquer que elas sejam. O cientista busca a verdade e luta por ela com a força de argumentos, não com a força bruta e a violência – coisa dos totalitários.

Obs. 3: Literal distingue-se de literalista. A leitura literal reconhece, respeita e valoriza os diversos gêneros literários dos textos bíblicos. A leitura literalista, típica do fundamentalismo, toma ingenuamente tudo ao pé da letra, pelo seu valor de face, na melhor das hipóteses, apesar de toda a seriedade e respeito com que muitos fundamentalistas tratam a Palavra de Deus.

De que modo se faz exegese? Como se busca a verdade do texto? Ou, em outras palavras, qual a atitude fundamental do exegeta? Esta não pode ser outra senão buscar a verdade incansavelmente, e com humildade. A humildade do intérprete está em que ele reconhece continuamente que pode não estar lendo com exatidão ou estar errado mesmo em sua leitura, e, portanto, está pronto a ser esclarecido ou corrigido.

Isto não significa que haja várias interpretações corretas de um mesmo texto. A verdade é uma só, a do texto também. Mas nossa visão é limitada, parcial, é sempre vista de um ponto. Precisamos da ajuda de outros, e estar dispostos a mudar nossa compreensão.

Conclusão da primeira parte

Exegese é interpretação, busca de sentido. O sentido é único; é dado pelo autor do texto; é alcançado pela leitura literal. Outras leituras não podem contradizer o sentido literal do texto.

Exegese é a base da teologia. Demanda conhecer a intenção do autor, e o contexto histórico no qual e para o qual escreveu, se queremos descobrir a verdade do texto. Esta é estabelecida pelo autor, não pelo leitor. É preciso deixar que o texto fale, mesmo contra o leitor. Cabe ao leitor ouvir o que o texto tem a dizer, não o que ele leitor quer ouvir.

O método científico tem limites. O próprio saber científico não é o único legítimo. Contudo, embora não suficiente, a exegese científica é necessária e mesmo imprescindível para dar razão da nossa esperança no séc. XXI.

Segunda parte – praticando exegese bíblica

Vamos ver, nesta segunda parte, alguns exemplos que mostram a importância da prática da exegese bíblica para se compreender melhor a mensagem da Palavra de Deus. Vamos nos limitar ao âmbito do Antigo Testamento, por ser esta a área de especialização deste palestrante, mas entendendo que tudo o que for dito aqui sobre o AT vale, *mutatis mutandis*, para a exegese neotestamentária.

A questão da tradução e da crítica textual

Ao se fazer exegese, pode-se partir de uma boa tradução, ou de um texto interlinear, se não se conhecem bem as línguas originais. Quanto à crítica textual, dependemos dos aparatos críticos das edições críticas da Bíblia, visto que nos é impossível o acesso aos manuscritos. Os melhores comentários trazem observações a seu respeito, de grande valia sobretudo para o iniciante. No entanto, saber hebraico e grego, bem como manusear o aparato crítico, não é o decisivo. É evidente que, quanto maior o conhecimento das línguas originais, maior a liberdade e independência em relação ao pensamento de outros, e maior a possibilidade de aprofundamento na mensagem do texto. Porém, mais importante que a capacidade de lidar com a gramática e o vocabulário das línguas originais, é o entendimento dos conceitos veiculados pelas palavras.

Exemplo: Gn 2.7 e o conceito de *nepeš hayyah*, que ARA traduz como “alma vivente”. Alma aqui não é a parte imaterial e imortal do ser humano, conforme a nossa crença cristã – os animais também são chamados de “alma vivente”, em Gn 1.20s e 1.24, onde ARA traduz “seres viventes”, e não faz parte da ortodoxia cristã a idéia de que animais possuam alma imaterial e imortal. Alma vivente é o boneco modelado de argila animado com o fôlego de vida soprado por Deus. Não é uma parte, é o todo, o conjunto da criatura humana, que é mortal, e constituída de matéria apenas, pelo menos no entendimento desse texto específico. Em Ec 12.7, o autor refere-se a esse texto da criação, dizendo que, na morte, reverte-se o processo criador: “o pó volta à terra, como o era, e o espírito volta a Deus, que o deu”, sendo “espírito” aqui aplicado como equivalente de “fôlego de vida”. Nada de almas indo para o céu, mas de unidade humana se desfazendo e entrando o ser humano no estado de não-existência. É a cessação completa da vida. As idéias de vida após a morte e de ressurreição são posteriores, não fazendo parte das cogitações do Qohélet. Isto não invalida, de maneira alguma, nossa crença cristã (ênfasis: *nossa*), mas nos torna conscientes de que nossas concepções sobre alma, vida após a morte e ressurreição são fruto de um desenvolvimento teológico, começado na própria Bíblia, mas não fazem parte do universo de pensamento e ensino do AT como um todo.

A delimitação e o modo de organização dos textos

A Bíblia é constituída de perícopes, livros, conjuntos literários, que têm uma estrutura intencional na maioria dos casos, não sendo um mero aglomerado de textos desconexos. A própria forma dos textos também passa uma mensagem, e deve ser levada em consideração. De fato, quando se percebe a organização dos textos bíblicos, não só se compreende melhor sua mensagem, mas também se pode apreciar a qualidade literária da Bíblia.

Exemplos:

1) A ordem dos livros na BH e na LXX. A LXX, em cuja ordem se baseia a ordenação cristã dos livros do AT, traz em seqüência os livros da lei, os históricos, os poéticos e os proféticos, seguindo um esquema passado – presente – futuro. A BH ordena os livros de maneira diferente, na seqüência Torá, Nebi'im, Ketubim, que reflete mais a ordem de importância, e talvez também de canonização, dos livros e dos conjuntos literários que compõem a Bíblia.

2) O Livro de Levítico no centro do Pentateuco e, no centro do Levítico, o Dia das expiações (cap. 16), como mostra o esquema abaixo:

Pentateuco

Gênesis	Êxodo	Levítico	Números	Deuteronômio
Criação	Do Egito		Do Sinai	Instruções para
Promessa da	pelo deserto	No Sinai	pelo deserto	a vida na terra
terra	ao Sinai		a Moabe	da promessa

Livro de Levítico (construção concêntrica)

1-7	Sacrifícios
8-10	Sacerdotes
11-15	Cotidiano (leis de pureza)
16-17	Reconciliação
18-20	Cotidiano (mandamentos éticos; centro: Lv 19)
21-22	Sacerdotes
23-26 (27)	Sacrifícios e festas

Esta disposição do material aponta para o fato de que Deus é um Deus de graça e perdão. A própria Torá, e isto certamente vale para a Escritura em seu todo, é um dom da graça divina, para a vida e o bem do ser humano, como o Deuteronômio sempre de novo destaca. A partir de observações simples como essas, verifica-se como carece de base e é, portanto, altamente questionável toda e qualquer oposição entre lei e graça. Tudo é graça: criação, salvação, santificação, lei divina.

3) A narrativa do dilúvio, tendo em seu centro Gn 8.1, mostra um Deus que se lembra (Cf. o esquema de Gordon J. Wenham, "The Coherence of the Flood Narrative", in: Richard S. Hess e David Toshio Tsumura (editores). *I Studied Inscriptions from Before the Flood*. Ancient Near Eastern, Literary, and Linguistic Approaches to Genesis 1-11. Sources for Biblical and Theological Study 4. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1994, pp. 436-447. [O esquema está na p. 438.]). A esse respeito, é interessante notar que, a despeito de incoerências encontradas aqui e ali no relato do dilúvio (quanto ao número de animais que entraram na arca, por exemplo; cf. Gn 6.19; 7.2s), assim como repetições (por exemplo, a dupla ordem de entrar na arca; o duplo atendimento da ordem; cf. Gn 6.18 e 22; 7.1 e 5), as quais os estudiosos críticos atribuem a fontes distintas que se encontram na base dessa narrativa (uma pré-exílica e pré-sacerdotal; outra sacerdotal, pós-exílica), sua forma atual tem unidade e coerência. É trabalho produzido com engenho e arte.

4) Oséias 1.2-9 – Aqui se percebe o afastamento cada vez maior do povo de Deus indicado pelos nomes de cada um dos filhos do profeta, com o anúncio de seu respectivo castigo (fim da monarquia, o reino da casa de Israel; fim da compaixão para com a casa da Israel; fim da relação Deus-povo, da aliança). Tal afastamento é apontado também nas introduções das falas divinas a Oséias, cada vez mais curtas (“E disse YHWH a Oséias”, 1.2b; “E disse YHWH a ele”, 1.4a; “E lhe disse”, 1.6b; “E disse”, 1.9a).

5) As perícopes do Livro de Malaquias (A partir da tese doutoral do autor, intitulada *Malaquias 3.13-21 no conjunto dos Doze Profetas*, disponível para consulta no site da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A tese se insere no contexto da pesquisa hodierna a respeito dos Doze, em que os estudiosos se dividem entre os que vêm no conjunto dos Doze uma obra literária unificada e os que o consideram uma coleção de escritos independentes, reunidos num único rolo, falando seus resultados em favor da segunda posição.)

Organização temática do Livro de Malaquias

1.1	Título
1.2-5	A fidelidade de YHWH a Israel
1.6-2.9	A infidelidade dos sacerdotes a YHWH na apresentação dos sacrifícios
2.10-16	A infidelidade do povo em suas relações interpessoais
2.17-3.5	Questionamento da justiça de YHWH (contra um pano de fundo de problemas sociais) Juízo de YHWH de purificação do sacerdócio
3.6-12	A infidelidade do povo na entrega de ofertas e dízimos
3.13-21	Novo questionamento da justiça de YHWH (contra um pano de fundo de prosperidade dos maus) Juízo de YHWH de separação entre justos e ímpios – aniquilamento dos ímpios, salvação dos justos
3.22-24	Apêndices

Correspondências entre as perícopes do Livro de Malaquias

1 ^a . perícopo – Ml 1.2-5	contraste Israel-Edom (Jacó-Esaú)
6 ^a . perícopo – Ml 3.13-21	contraste justos-ímpios
2 ^a . perícopo – Ml 1.6-2.9	tema das oferendas – sacerdócio
5 ^a . perícopo – Ml 3.6-12	tema das oferendas – povo
3 ^a . perícopo – Ml 2.10-16	problemas familiares (casamentos mistos e divórcio)
4 ^a . perícopo – Ml 2.17-3.5	problemas sociais (injustiças) (3.1-4: purificação dos filhos de Levi)

A partir da observação dos esquemas acima, parece claro haver uma correspondência temática entre suas seis perícopes, formando uma estrutura quiástica. A 1^a. e a 6^a. perícopes trabalham uma idéia de contraste: Israel-Edom, justos-ímpios. A 2^a. e a 5^a. perícopes tratam de problemas cúlticos, abordando ambas o tema das oferendas: à infidelidade dos sacerdotes na apresentação dos sacrifícios corresponde a infidelidade

do povo na entrega de dízimos e ofertas. A 3^a. e a 4^a. perícopes tratam de problemas sociais: no âmbito da família (casamentos mistos e divórcio) e das relações com o próximo em geral (várias injustiças). É fato que o tratamento dos temas e as perspectivas das perícopes do Livro de Malaquias não são sempre as mesmas. Por exemplo, embora haja um paralelo entre 2.17-3.5 e 3.13-21, pelas semelhanças de tema (teodicéia/retribuição) e pela correspondência de termos: “os que fazem o mal” (2.17) correspondem a “soberbos”; “os que fazem perversidade” (3.15, 19) e “ímpios” (3.21); “os que não me temem” (3.5) correspondem a “os que temem a YHWH/os que temeis meu nome” (3.16, 20), há, contudo, diferenças entre 2.17-3.5 e 3.13-21: na quarta perícope, predomina a idéia de purificação do sacerdócio (ainda que 3.5 implique uma purificação do povo também); na sexta, predomina a idéia de purificação do povo (nada se fala do sacerdócio). O caráter escatológico da sexta perícope também parece bem marcado, com várias referências ao dia de YHWH. Verifica-se assim que, na quarta perícope, o juízo é primariamente um ato de purificação; na sexta, uma intervenção escatológica (juízo final, por assim dizer). Outra diferença significativa entre a quarta e a sexta perícopes é que, na quarta, fala-se de um mensageiro que antecede a vinda do Senhor, preparando-lhe o caminho; na sexta, não se fala dessa figura, mas anuncia-se pura e simplesmente a vinda do dia (de YHWH). Outro dado interessante é que, na sexta perícope, o conceito de provar a Deus é visto como algo negativo (3.15c: os ímpios “provam a Deus e se livram”); na quinta, é positivo, e estimulado pelo próprio YHWH. A despeito de isso levar a pensar que o Livro de Malaquias não tenha sido composto de uma só vez, por uma mesma mão, ainda assim não se pode deixar de reconhecer que há uma relação clara entre as partes do Livro de Malaquias, e uma correspondência temática entre suas perícopes – pois a obra não é uma coletânea desconexa de oráculos nem um mero aglomerado de perícopes, mas um escrito bem elaborado. A organização do Livro de Malaquias fala em favor de uma independência do escrito em relação aos demais que compõem o conjunto dos Doze.

Desses exemplos, já se pode depreender que a Bíblia não é apenas um texto religioso, que possui riqueza teológica, mas também um texto que possui beleza literária. É, de fato, em muitos momentos, literatura de alto nível.

Os gêneros literários e a linguagem da Bíblia

Os textos não podem ser todos lidos com os mesmos óculos, pois são distintos em sua natureza. A variedade de gêneros literários empregados na Bíblia é enorme, e precisa ser levada em conta na análise de cada texto em particular. Não se pode ler, da mesma maneira, um texto legal, uma narrativa, um oráculo profético, uma oração. Cada uma dessas formas literárias tem características próprias, que devem ser distinguidas e consideradas. De mais a mais, estamos lidando, na Bíblia, com textos religiosos, que se servem muito da linguagem poética, analógica, figurada, simbólica (ou como quer que queiramos chamá-la), que é a linguagem por excelência para se falar do inefável – das coisas de Deus e do encontro com ele.

Grande erro das leituras fundamentalistas: tomar as afirmações ao pé da letra, pelo valor de face. Assim, se a Bíblia diz que Deus criou o mundo em seis dias, na primeira narrativa da criação, então o mundo foi criado em seis dias, não importa o que diga a ciência, nem o texto seguinte, que coloca toda a obra criadora em um único dia! O fundamentalista não percebe que o esquema de seis dias com o descanso no sétimo, em Gn 1.1-2.4a, é o esquema da semana, que serve a propósitos teológicos e até litúrgicos, justificando a guarda do sétimo dia como dia de descanso e culto, dia observado, antes de todos, pelo próprio Deus. Se a Bíblia diz que a serpente e a mula falaram com

peças, então elas de fato falaram, não importa quão absurdo seja esse entendimento, como as crianças o sabem muito bem: animais não falam, exceto nas histórias. Os exemplos poderiam ser multiplicados indefinidamente. O certo é que tais interpretações literalistas são fonte de incompreensão, de falsa segurança, de dificuldade de comunicação com o mundo moderno e, em última análise, e mais lamentável, de intolerância.

Os motivos

Importante é também investigar os motivos e o vocabulário presentes no texto, as formas de expressão de que se servem os autores bíblicos e as tradições com as quais dialogam – pois não se constrói no vazio. A mensagem também se destaca na comparação com outros textos bíblicos. Pontos de contato terminológicos e temáticos são esclarecedores.

Exemplo: a relação entre o tema do dia de YHWH em Malaquias 3.13-21 e em Joel (Também extraído da tese doutoral do autor. O Livro de Joel foi escolhido como termo de comparação com MI 3.13-21 porque é o livro em que mais se encontra a expressão “dia de YHWH”; é considerado pela maioria dos estudiosos críticos como um escrito pós-exílico, portanto, contemporâneo do Livro de Malaquias, por assim dizer; e por possuir com a sexta perícopes de Malaquias diversos outros pontos de contato.)

O grande ponto de contato, seja no âmbito terminológico, seja no temático, entre o Livro de Joel e MI 3.13-21 é o *yôm yhwh*. A perícopes de Malaquias em estudo coloca-se numa linha de tradição de uso do motivo do dia de YHWH, que perpassa pelo conjunto dos Doze, e é muito presente em Joel.

No Livro de Joel, destaca-se o aspecto de proximidade do dia de YHWH. Em três passagens, 1.15; 2.1; 4.14, diz-se que “está perto o dia de YHWH” (exatamente assim em 1.15 e 4.14; um pouco diferente em 2.1: “pois vem o dia de YHWH, pois está perto”).

Outro destaque, quanto ao uso do tema do *yôm yhwh* no Livro de Joel, é a grandiloquência de suas imagens. O dia de YHWH produz total destruição, na primeira metade do escrito (1.13-20; 2.1-11); quando se fala dele na segunda metade, é precedido de sinais extraordinários no cosmos (JI 3.1-5); acontece num contexto de guerra contra as nações, com participação do próprio povo nessa guerra (4.9-17). Em MI 3.13-21, temos uma visão mais comedida, mais sóbria, diríamos: o dia que vem, ardente como forno, sem nenhum sinal prévio (já notamos que a perspectiva de MI 3.13-21 é distinta da de MI 2.17-3.5, que está bem próxima tematicamente da última, mas diz que a vinda de YHWH é precedida pelo seu mensageiro, que prepara o caminho diante dele), e que produz por si mesmo seus efeitos, sem colaboração humana (quando MI 3.21 diz que os justos pisotearão os ímpios, estes já foram consumidos pelo dia que vem, e já se tornaram cinza; não é, portanto, a ação dos justos que destrói os ímpios, mas a do dia que vem), esse dia consumirá os ímpios, não lhes deixando nenhum resto (“nem raiz nem ramo”).

Outro aspecto interessante do Livro de Joel é sua perspectiva de juízo completo. Na primeira metade do escrito, tudo é destruído, povo e terra; na segunda metade, as nações são completamente destruídas, e o povo de Deus, completamente salvo. Assim, quando o Livro de Joel utiliza o contraste entre destruídos e salvos, em sua segunda parte, o faz numa perspectiva diferente da de MI 3.13-21: em Joel, o contraste é, por assim dizer, externo, ou seja, entre os de dentro do povo, que são salvos, e os de fora, as nações, que são destruídas; em MI 3.13-21, o juízo trazido pelo dia é interno, acontece dentro da

comunidade pós-exílica, fazendo separação entre justos, que são salvos, e ímpios, que são destruídos, no interior do povo de Deus.

Tudo isto parece apontar para o fato de que a perspectiva da perícopes de Malaquias 3.13-21 seja distinta da das perícopes do Livro de Joel que tratam do dia de YHWH, pela ausência de preocupação com o quando da vinda do dia de YHWH, por sua sobriedade, por sua utilização da idéia de uma separação promovida pelo juízo no interior do povo de Deus.

A perícopes de Ml 3.13-21, última do Livro de Malaquias e do conjunto dos Doze, apresenta uma nova concepção a respeito do tema do *yôm yhwh*, não encontrada em outras partes do conjunto dos Doze. Que ela seja a mais recente elaboração desse motivo é algo que não se pode afirmar com certeza. Em todo o caso, pode-se, com segurança, dizer que, a partir dessa comparação que fizemos com o Livro de Joel, a formulação do texto de Ml 3.13-21 é bastante original, sobretudo no que toca à utilização do tema tradicional do *yôm yhwh*, que atravessa o conjunto dos Doze. Isto também fala em favor do entendimento do Livro de Malaquias como um escrito independente.

Considerações finais

Que fique clara a importância do acesso ao trabalho de outros – não se cria do nada, nem é preciso redescobrir a pólvora ou reinventar a roda. Daí o valor das traduções antigas e modernas, do aparato crítico, da concordância, dos dicionários, dos comentários, das obras de história e de teologia bíblica.

Que se cultive o segredo do exegeta: a prontidão para ouvir (não para falar, como em geral preferimos). Ele implica:

Abertura ao texto – Ir a ele desarmado, sem levar idéias prévias a ele. Dizer a si mesmo: “Eu não sei, preciso e quero aprender” é a melhor atitude inicial.

Atenção – Ir ao texto com foco e concentração, sem distrações. Pontos interessantes que surjam devem ser anotados e guardados para outro momento.

Paciência – O trabalho exegético é lento; o exegeta tem que saber esperar. É preciso meditação no que se lê, investir tempo na reflexão.

Perseverança – Muitas vezes o entendimento de um texto demora, é mais difícil do que à primeira vista parecer ser. Cabe então não desistir, nem desanimar.

Calma – Também não adianta forçar as conclusões a vir. Não vale a pena querer extrair resultados a fórceps, na marra. Deixar as idéias repousarem, fermentarem, como massa de pão e de bolo.

Prudência – Cuidado com conclusões precipitadas. Intuições precisam amadurecer e se confirmar ao longo da pesquisa.

Por último, mas não menos importante, está o desejo de ir além do já alcançado. A busca da verdade é processo contínuo, que nunca se encerra. Há sempre algo mais a aprender, por mais que se saiba.

Rev. Paulo Severino da Silva Filho

O autor é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, professor do Seminário Simonton, onde exerce as funções de coordenador do Departamento de Teologia Exegética e do Curso de Bacharel em Teologia, e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.